

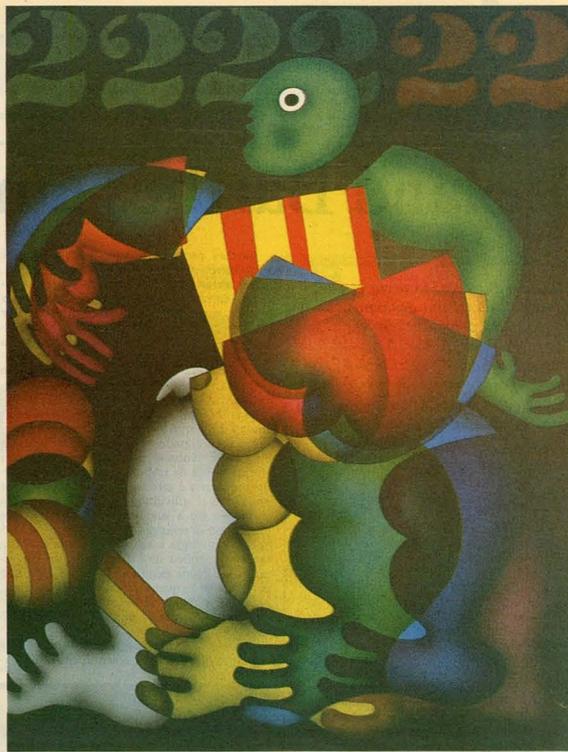
# Dossier

## O futebol visto por escritores e artistas

O Campeonato do Mundo de Futebol começou no passado sábado, no México — e amanhã, terça-feira, a seleção portuguesa estreia-se, defrontando a Inglaterra. Nos últimos dias, o Mundial de Futebol, e a polémica à volta das posições assumidas pelos jogadores da seleção nacional, têm constituído prato forte de toda a informação e de muitas conversas. Naturalmente as pessoas mais ligadas à literatura e à arte não são excepção. Até porque algumas delas, e não poucas, são fãs, ou até entusiastas, do futebol.

O fenómeno não é só português, pelo contrário. No Brasil, então, onde o futebol é de facto o desporto nacional e tem uma força incrível, os exemplos são muitos, de hoje e de ontem: quem não se recorda, por exemplo, que José Lins do Rego, o famoso escritor nordestino, era um apaixonado do Fluminense, que acompanhava por toda a parte — e foi por o acompanhar que esteve uma vez em Portugal!... —, cuja bandeira envolveu o seu caixão? A outro nível e noutras latitudes, para lá dos exemplos que damos nestas páginas, podemos recordar desde um Albert Camus, que até foi guarda-redes de fama na Argélia, até Mário Vargas Llosa, que fez a cobertura do Mundial de Espanha, em 82, publicado em Portugal pelo JL e por... O Jornal.

Ainda em Portugal, além dos autores de que hoje publicamos textos ou poemas inéditos, há outros que, inclusive, são frequentadores habituais dos estádios. Carlos de Oliveira, grande poeta e prosador, não perdia um jogo na televisão e era leitor fiel de «A Bola» (designadamente de Vítor Santos), Herberto Helder, se não mudou, continua a sê-lo, e n'«A Bola» manteve Ruy Belo uma coluna na qual publicou o artigo que reproduzimos. Na próxima semana, publicaremos ainda alguns textos inéditos e (se o espaço o permitir) antológicos sobre futebol.



Jogador de futebol, óleo de José de Guimarães (1980)

José Cardoso Pires

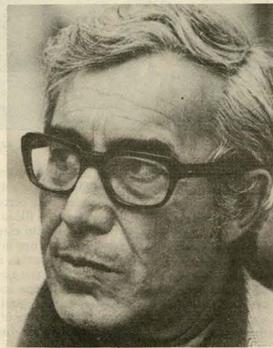
## Uma festa sem frustração

Sou um futebolista de bancada e de televisão. E de leitura, claro: considero «A Bola» um dos raros jornais portugueses de qualidade.

Quando vivi em Londres era um espectador mais ou menos regular do Chelsea porque o estádio me ficava quase à porta de casa. Gostava sobretudo da animação dos «pubs» antes e depois dos encontros, isso tinha sempre um colorido e uma carga de humor espontâneos que me fascinavam. É que para mim o futebol

significa espectáculo: um dos capítulos que mais aprecio nele é o esvaziar do campo até à solidão do relvado.

A antiga sigla dos três fff da massificação alienadora — fado, Fátima, futebol — só teve significado real na ditadura. Que era ideológica e culturalmente primária (a ditadura, claro). Por conseguinte, os bem pensantes que vêem no futebol um instrumento da subcultura ou um «acting-out» da frustração colectiva têm que regressar aos tempos do país censurado e à ideia da subserviência em que um dos



nossos mais belos estádios respondia pelo nome de Américo Tomás.

Mas que há um saudosismo anedótico do desporto politizado, há. Senão, como se compreendia que a imaginação oportunista provinciana de não sei quem tivesse crismado de infantis os jogadores que representam esta república de adultos.

Infantes! Magrícios! Que subdesenvolvimento do doutor Matoso!

E já que falei de protocultura e de preconceitos afins, apetece-me lembrar que um dos índices mais expressivos da criatividade de um desporto é a diversidade de representações que dele se faz no campo da cultura e da arte. O futebol tem essa abonação. Como protagonista ou como referência privilegiada encontramos-lo presente na sociologia contemporânea, na pintura, no ballet e na ficção literária.

Por exemplo, um dos melhores romances que li e um dos melhores filmes que vi nestes últimos dez anos foi precisamente «A Angústia do Guarda-Redes no Momento do Penalty», de Peter Handke.



# Infante Portugal/México 86 Infante

Patrocinador e Segurador Oficial da Selecção Portuguesa de Futebol

## MUNDIAL CONFIANÇA

COMPANHIA DE SEGUROS

